

## CINEMA NACIONAL E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES DOS CURRÍCULOS “PRÁTICOS/ PENSADOS/ VIVIDOS”

Janailson da Silva Costa <sup>1</sup>

Felipe Martins da Silva <sup>2</sup>

Neumara da Silva Costa <sup>3</sup>

“O cinema, que saltou direto da prática para a universidade, sem passar pela escola, tem agora o convite de retornar à escola, para começar lá a educar o olhar do espectador, do crítico, do realizador”.

**(José Carlos Avellar)**

### INTRODUÇÃO

O recorte do texto de José Carlos Avelar, crítico de cinema, que compõe a epígrafe que abre este artigo, coaduna com a ideia de que o cinema ainda precisa conquistar seu espaço de destaque na escola básica. Mesmo diante da confirmação da potencialidade educacional que as obras fílmicas apresentam, quando inseridas nas *práxis* educativas de profissionais da educação, ainda existe certas relutâncias na sua inserção.

O cinema é uma poderosa ferramenta cultural e educacional, capaz de influenciar e refletir a sociedade na qual estamos inseridos. No contexto brasileiro, o cinema nacional oferece uma rica variedade de obras que abordam questões sociais, históricas e culturais, proporcionando um acervo valioso para a educação. Por este motivo, o presente artigo tem como objetivo investigar a integração do cinema nacional, explorando as dimensões dos currículos escolares – segundo (Ferraço e Alves, 2009) *práticos/pensados/vividos*,– e o incentivo à prática de análise fílmica nos processos pedagógicos.

Os autores, Ferraço e Alves, revelam a complexidade do processo educacional e a distância que pode existir entre os currículos, descrevendo-os em suas dimensões: oficial (pensado), sua implementação (prático) e a experiência dos/as alunos/as (vivido).

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo curso de Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [janailson.costa2@aluno.uepb.edu.br](mailto:janailson.costa2@aluno.uepb.edu.br);

<sup>2</sup> Especialista em alfabetização e letramento pela União Brasileira de Faculdades – UniBF, [felipemarthyns2014@gmail.com](mailto:felipemarthyns2014@gmail.com) ;

<sup>3</sup> Especialista em gestão, supervisão e orientação pela União Brasileira de Faculdades – UniBF, [professoraneumara@gmail.com](mailto:professoraneumara@gmail.com);

Estas classificações nos ajudam a entender como as políticas curriculares se materializam no cotidiano escolar e como são percebidas pelos diferentes atores envolvidos no processo educativo.

Neste contexto, passaremos a adotar os currículos pensados como aqueles planejados e estruturados pelas autoridades educacionais e educadores (Ferraço e Alves, 2009). Os currículos práticos sendo os que já existem, mas necessitam de reformulação e/ou uma atualização. E por último, os currículos vividos, ou “currículo real”, o qual se concretiza no fazer docente, no “chão da sala de aula” (Silva, 1999).

Para que haja inclusão do cinema brasileiro nos currículos *pensados/práticos/vividos*, é necessário envolver o cinema nos programas de ensino, e isso requer uma abordagem deliberada e sistemática. Algumas estratégias/sugestões incluem: incorporar o cinema nas disciplinas; utilizar filmes como parte das aulas de literatura, história, geografia, sociologia, e outras disciplinas; formação continuada de educadores, oferecendo treinamento para integrar filmes de maneira eficaz nas suas aulas; desenvolvimento de material didático; e por fim, criar guias de estudo e recursos didáticos que acompanhem os filmes selecionados.

Os objetivos almejados são ambiciosos, mas para que isso se concretize, é essencial que haja a integração do cinema nacional nos currículos escolares. Suas potencialidades, em sala de aula, evidenciam a importância curricular. Uma vez presente, suas reverberações em um currículo prático, que utilize o cinema nacional como aporte pedagógico de maneira rica e diversificada, pode trazer inúmeros benefícios. Diante disto, ratificamos o que afirma Barbosa (2017), ao dizer que "a integração do cinema nos currículos escolares promove uma educação mais rica e diversificada, permitindo que os/as alunos/as desenvolvam habilidades críticas e reflexivas" (p. 45).

Acreditamos e defendemos que esta ação coadunará com práticas educativas, críticas, reflexivas e formadoras nos mais diferentes campos do conhecimento. Conforme Freire (1996), "a educação deve ser uma prática de liberdade, onde os/as alunos/as são incentivados a questionar e refletir sobre o mundo ao seu redor" (p. 67). O uso do cinema nas aulas pode ser um meio eficaz de alcançar esse objetivo, proporcionando um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e significativo.

Apesar de todos os argumentos positivos aqui apresentados, a integração do cinema nacional na educação brasileira enfrenta desafios, entre eles, a resistência de alguns educadores e a falta de recursos. No entanto, o cinema é uma ferramenta

poderosa para a educação, capaz de enriquecer o currículo e promover uma aprendizagem mais significativa, e por tanto, os benefícios são evidentes.

Os currículos *práticos/pensados/vividos* devem estar alinhados, a fim de maximizar o impacto do cinema na educação. Para tanto, é sugerido que os educadores incluam filmes nacionais no currículo, utilizando-os de forma eficaz, com o objetivo de destituir a prática do uso cinematográfico como sendo mero entretenimento na escola. Por isso, defenderemos que o cinema brasileiro deve aparecer nos currículos *práticos/pensados/vividos*, de maneira diversa e factual.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para este artigo é a pesquisa-ação, de cunho bibliográfico, que envolve a análise de literatura existente sobre o tema e a reflexão crítica sobre as práticas educativas. Este método permite uma abordagem dinâmica e interativa, na qual teoria e prática são constantemente revisitadas, e reinterpretadas.

A pesquisa-ação envolve a aplicação prática de teorias em um contexto real, com o objetivo de provocar mudanças e melhorias (Thiollent, 2011). Neste caso, a pesquisa-ação bibliográfica combina a revisão de literatura existente com a reflexão crítica sobre as práticas educacionais, permitindo uma análise aprofundada e contextualizada do tema.

Nesta perspectiva científica, este artigo busca trazer uma reflexão acerca da presença do cinema nacional nos currículos *práticos/pensados/vividos*, a partir da literatura científica disponível. Nossa intenção é gerar reflexão crítica sobre currículo e cinema, buscando atingir como público alvo majoritário, docentes das mais divergentes instâncias educacionais.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Para que possamos entender as dimensões dos currículos *práticos/pensados/vividos*, apresentaremos, como base de sustentação teórica, exemplos de como o cinema pode aparecer em cada perspectiva curricular.

Os currículos *práticos* referem-se ao que é efetivamente ensinado nas salas de aula. No contexto do cinema nacional, isto inclui: a seleção de filmes, a forma e sua utilização como recurso pedagógico (Ferraço & Alves, 2009). Filmes como "Cidade de

Deus" (2002), "Central do Brasil" (1998) e "Que Horas Ela Volta?" (2015) são exemplos de obras que têm sido incorporadas em aulas de história, sociologia, literatura, e outros componentes curriculares, devido à sua capacidade de ilustrar questões sociais e culturais brasileiras. Segundo Morin (2000), "o cinema é uma ferramenta poderosa para a educação porque tem a capacidade de capturar a imaginação dos/as alunos/as e transmitir conhecimentos de uma maneira envolvente e acessível" (p. 123).

Esses filmes, não apenas enriquecem o conteúdo das disciplinas, mas também promovem o pensamento crítico e a empatia entre os estudantes. A utilização de filmes em sala de aula pode ser uma maneira eficaz de engajar os/as alunos/as e facilitar a compreensão de contextos complexos.

Os currículos *pensados* são aqueles planejados e estruturados pelos educadores e autoridades educacionais (Ferraço & Alves, 2009). Envolve a inclusão do cinema nacional nos programas de ensino, como parte integrante das estratégias pedagógicas. A proposta curricular pode incluir: a análise de filmes, debates e a produção de curtas-metragens pelos/as alunos/as, promovendo uma educação mais prática e contextualizada.

No Brasil, há iniciativas que visam a inclusão do cinema nas escolas, como o Projeto Cine Educação<sup>4</sup>, que busca fomentar o uso de filmes nacionais como ferramenta pedagógica. Estas iniciativas são fundamentais para a valorização do cinema nacional e para a promoção de uma educação mais crítica e reflexiva.

Os currículos *vividos* são as experiências reais dos/as alunos/as com o conteúdo educativo (Ferraço & Alves, 2009). Quando o cinema nacional é incorporado ao currículo, os/as alunos/as têm a oportunidade de vivenciar a cultura e a história do país de uma forma mais interativa e envolvente. Estas experiências são fundamentais para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento de uma consciência crítica.

Através do cinema, os/as alunos/as podem vivenciar diferentes perspectivas e contextos, o que contribui para uma maior compreensão e empatia. O impacto do cinema nacional na formação dos/as alunos/as é significativo, pois permite uma conexão mais profunda com a realidade social e cultural do Brasil.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

<sup>4</sup> Disponível em :<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/cine-educacao>. Acesso em : 10/07/2024

A integração do cinema nacional na educação brasileira enfrenta desafios significativos. Entre eles estão a resistência de alguns educadores, a falta de recursos e a necessidade de formação específica para a utilização eficaz dessa ferramenta. Apesar dessas dificuldades, os benefícios são evidentes, e a adoção do cinema como recurso educacional pode enriquecer o currículo e promover uma aprendizagem mais significativa.

A resistência de alguns educadores à integração do cinema nacional no currículo, pode ser atribuída a diversos fatores, incluindo a falta de familiaridade com o meio cinematográfico e a ausência de treinamento adequado. Segundo Tavares (2014), muitos professores ainda veem o cinema apenas como uma forma de entretenimento, subestimando seu potencial pedagógico.

A falta de recursos é outro obstáculo considerável. Oliveira e Gomes (2018) destacam que políticas públicas de incentivo e financiamento são essenciais para superar essas barreiras, garantindo que todas as escolas possam incorporar o cinema em seus currículos.

A capacitação de educadores é crucial para a integração bem-sucedida do cinema no currículo. Segundo Silveira (2016), a formação de professores deve incluir não apenas a utilização técnica dos equipamentos, mas também a compreensão dos aspectos críticos e analíticos do cinema.

O apoio institucional é fundamental para a inclusão de filmes nacionais no currículo escolar. Este apoio pode vir na forma de políticas públicas que promovam o uso do cinema na educação, financiamento para aquisição de equipamentos e filmes, e programas de formação continuada para professores. De acordo com Lima (2019), sem um apoio institucional robusto, é difícil para as escolas implementarem e sustentarem o uso do cinema como ferramenta educativa.

Para maximizar o impacto do cinema brasileiro na educação, os currículos *práticos/pensados/vividos* devem estar alinhados. Isso significa que a teoria (currículo pensado) deve estar em consonância com a prática (currículo prático) e com as experiências reais dos/as alunos/as (currículo vivido). Conforme Freire (1996), a educação deve ser uma prática de liberdade, onde os/as alunos/as são incentivados a questionar e refletir sobre o mundo ao seu redor. O uso do cinema pode facilitar esse processo, oferecendo um meio dinâmico e envolvente para explorar temas complexos e relevantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema nacional tem um papel crucial na educação, oferecendo uma perspectiva única sobre a cultura e a sociedade brasileira. A integração dos filmes nacionais, considerando as dimensões dos currículos *práticos/pensados/vividos*, pode enriquecer a educação e promover uma aprendizagem mais crítica e reflexiva.

Investir na formação de educadores e na criação de políticas que incentivem o uso do cinema nas escolas é fundamental para que essa prática se torne cada vez mais comum e eficaz. O cinema nacional não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma ferramenta poderosa para a educação e a transformação social.

**Palavras-chave:** Educação; cinema, currículo, formação docente, práticas pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

Barbosa, A. (2017). **Educação e Cinema: Reflexões sobre a Integração Curricular**. São Paulo: Editora Pedagógica.

**Cinema brasileiro na escola: pra começo de conversa.** / org. por Salete Paulina Machado Sirino e Fabio Luciano Francener Pinheiro. Curitiba: UNESPAR, 2014. 248p.

Ferraço, C. E., & Alves, N. (2009). **Currículo: campo, saberes e políticas**. DP&A.

Freire, P. (1996). **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra.

Lima, C. (2019). **Políticas Públicas e a Educação Cinematográfica no Brasil**. Brasília: Editora Educacional

Morin, E. (2000). **O Cinema ou o Homem Imaginário**. Lisboa: Edições Europa-América.

Silveira, M. (2016). **Formação de Educadores para o Uso do Cinema na Educação Básica**. São Paulo: Editora Pedagógica

Silva, T. T. (1999). **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica.

Oliveira, J., & Gomes, A. (2018). **Desafios e Perspectivas do Cinema na Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Acadêmica

Tavares, R. (2014). **O Cinema na Sala de Aula: Uma Ferramenta Pedagógica**. Belo Horizonte: Editora Universitária

Thiollent, M. (2011). **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez